

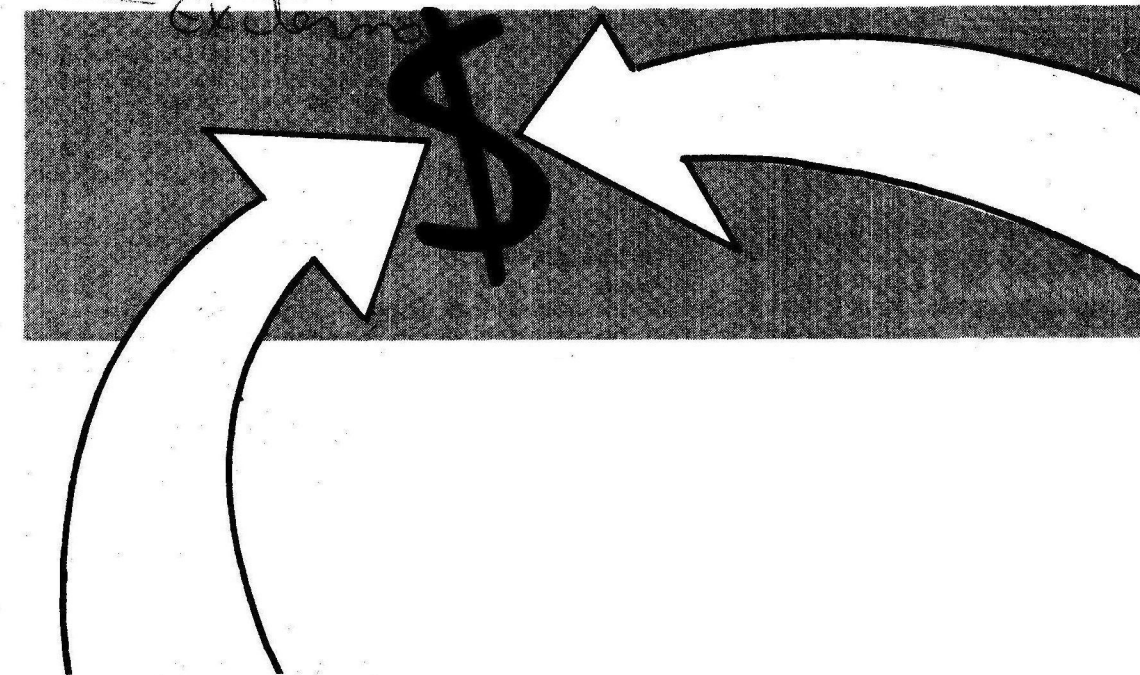
Credores querem negociação da dívida vinculada ao Bird

JOSÉ MEIRELLES PASSOS

WASHINGTON — Ao mesmo tempo em que os bancos credores esperam registrar lucros expressivos no último trimestre deste ano, devido, em grande parte, à retomada dos pagamentos dos juros da dívida externa brasileira, os grandes bancos americanos se preparam para rebater as propostas de redução do estoque da dívida que, segundo estimam, será o principal tema em suas relações com os países devedores daqui por diante.

Nenhuma das sugestões já apresentadas — um perdão compulsório ou mesmo as chamadas “soluções de mercado livre” (como a conversão da dívida em investimentos e outras trocas baseadas nos valores do mercado secundário) — agradaram aos banqueiros. Eles continuam preferindo o que chamam de “negociações convencionais”, mas agora com uma alteração: vincular cada vez mais uma parte dos novos empréstimos à co-financiamentos com instituições multilaterais, especialmente com o Banco Mundial. Isso lhes dá maiores garantias de que receberão o dinheiro de volta, e ao mesmo tempo faz com que seus próprios desembolsos sejam menores.

A recente sugestão feita pelas Nações Unidas para que os banqueiros perdoassem 30% da dívida do Terceiro Mundo, para que o mercado financeiro retomasse o vigor da última década, é tida como um delírio pelos banqueiros. Um cálculo feito pelos dez maiores credores dos Estados Unidos mostra que isso representaria para eles um corte de US\$ 17,3 bilhões de uma só vez. Eles alegam que as soluções de mercado também lhes custaria caro. Afinal, a cotação da dívida do Terceiro Mundo no mercado secundário anda muito baixa. Com base nela, os US\$ 57,7 bilhões em títulos da dívida externa que esses bancos retinham até junho passado estavam valendo nada mais do que US\$ 27,9 bilhões — segundo cálculos da Salomon Brothers Inc. Os bancos perderiam US\$ 29,8 bilhões, 51,5% das reservas das dez maiores instituições.



— Sabemos que manter a situação do jeito que está significa correr um risco sério, mas preferimos isso do que nos atirar precipitadamente nessas soluções que vêm pipocando de todas as partes — declarou ao GLOBO um dos grandes credores do Brasil. — Não digo que não possa haver algum tipo de redução, mas ela tem de acontecer aos poucos, para não agitar o mercado. A idéia é diminuir nosso portfólio antigo vagarosamente, e continuar negociando a dívida de forma a obter nosso dinheiro de volta — concluiu o banqueiro.

Uma das grandes preocupações dos grandes bancos é o fato de que os bancos regionais estão liquidando seus negócios com o Terceiro Mundo. A maioria deles já vendeu quase todos os títulos da dívida no mercado secundário, e não estão mais participando de nenhum novo pacote de empréstimos. Isso faz com que a dívida se concentre nas mãos de poucos — que, por sua vez, são obrigados cada vez mais a fazer maiores reservas especiais para cobrir eventuais calotes dos devedores. Do ponto de vista de mercado, tal demanda coloca os bancos com grande estoque de dívida do Terceiro Mundo em desvantagem em relação aos que já se livraram dela.